

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St. Anna

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

## ASSIGNATURA

Em Ovar, semestre. . . . . 500 réis  
Avulso . . . . . 20 »  
Para fóra da villa, accresce o porte do correio

## Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves  
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis  
Permanentes e reclames a preços convencionaes.  
Communicados a 50 réis a linha. Aos assigna ites 25 % de abatimento.

## Palinodias

Para quem se encontrar fortificado atraz de um criterio imparcial e justo, para quem contemplar os phenomenos politicos á luz de uma analyse despreconceituosa, para quem fôr verdadeiramente amigo da sua Patria, esta hora surge de amargo pessimismo, que outro estado não podem crear o desfilhar de tanto egoismo, a liquidação de tantas firmas, o resumir de tanto cynismo e a revelação de tanta mediocridade. A par das enormes crises moral e economica, de que enferma a sociedade portugueza, salienta-se a grande depressão mental da oligarchia dirigente, pois só uma intensa myopia pôde impedir de vêr a carreira vertiginosa, que o Paiz leva para a perda da sua autonomia, se se não mudar de rumo. A prova d'esta inconsciencia é que se voltou ao ruinoso *statu quo*, se se não refinou nos velhos processos viciosos, que, por teratologico phenomeno social, levaram á tragedia de 1 de fevereiro, quando a logica e a Historia faziam prever a mudança das instituições, que causavam e causam ainda todo o nosso mal-estar social.

Quando pensamos que a terrivel lição não aproveitou aos destinos d'este Paiz de tradições tão gloriosas, convencemo-nos da incorrigibilidade das classes dirigentes, não sob o ponto de vista moral, que isso é obvio, ha muito tempo, mas como demonstração da cegueira mental, que as não deixa vêr o perigo, que se acastella para os seus proprios interesses, que se afundarão com a perda da autonomia; mais uma vez constatamos a falta de sinceridade que os guiou no combate á dictadura. Que differença antes e depois do chocolate! . . .

Em antes os partidos monarchicos, levando á frente os destemidos arautos do seu jornalismo, eram hostes aguerridas, dispostas a dar a vida pelo poder. . . perdão, pela Liberdade, enfileirando ao lado do Povo, em quem reconheciam energia para vitalisar esta Patria cataleptica e aptidão para usufruir todas as regalias da civilização e do Progresso.

Em antes arremetiam furiosamente contra a porta fechada da sala de jantar. . . digo, contra a tyrannia, que o rei exercia intensamente e ás claras, e a Revolução sorria-lhes como unico meio salvador. . .

E' abrir qualquer dos seus jornaes anteriores a 1 de fevereiro e lêr a prosa inflamada, que enche as suas paginas; é recolher o echo, ainda vivo e altisonante, das suas assembleias plenarias, onde se exigiu a violencia para derribar o despotismo e se apresentaram moções rubras como o sangue das revoluções, onde se condescendeu em ficar pela destruição completa da obra dictatorial e pela accusação criminal dos ministros, que a executaram.

Quem se não lembra das suas ameaças directas ao rei? . . . quem se não recorda das referencias elogiosas ao partido republicano, cuja importancia se exaltava? . . . quem os não viu a tresnar encomiasticas odes a esse mesmo povo, a quem hoje chamam canalha e de quem se arredam, que não vá salpical-os com a immundicie dos seus andrajos?!

Depois do chocolate a Revolução, como espantallo para afugentar os pardaes ladrões dos trigaes, causa-lhes o fundado receio de os affastar da ceára do Poder e é ouvil-os rugir ameaças pelas tubas officiaes contra aquelles, que pretendiam amesendar, porque elles seguem imperturbavelmente na logica e racional instrucção do processo e exi-

gem o cumprimento das promessas de regeneração juradas na hora do perigo para os seus interesses.

Pois será porventura levar a nação á anarchia pedir a cauterisação radical de todas as masellas, allias confessadas, de que enferma o regimen?! . . . pois é ser violento, é ser demagogico agitador lembrar e propôr a accusação criminal, que elles reclamavam como minimo castigo da dictadura?! . . .

Se os monarchicos do Poder se guiassem por honestas intenções, porque não haviam de deixar relegar aos tribunaes os actos criminosos da administração franquista?! . . . o que os embaraça? ou estão no caso dos apedrejadores da mulher adultera?!

Evidentemente não fôram sinceros, quando se lançaram no caminho das violencias, não os movia o amor da Liberdade e da Patria, antes os assaltava a nostalgia dos desterrados. . .

Trabalhavam pro domo sua e, como lhes chegou o usufructo da herança, trevejam improprios contra quem os não deixa continuar socegadamente n'aquelle dolce far niente, que foi o apanagio do ultimo reinado e que levou o Paiz á orla do abysmo.

Assim as suas indignações não eram filhas de justo patriotismo; eram uma questão de successão.

Philodemo.

## A OBRIGA

### EGREJA MILITANTE...

Ha dias «O Radical», diario vespertino, saía a lume com a noticia de em coventos e em egrejas depositos haver de armamento, e clerigos se exercitarem no manejo de armas de fogo. Já antes, com a autoridade superior e especial decorrente da posição, o chefe do governo, o sr. Ferreira do Amaral nem mais nem menos, não se escuzara, na camara, de verberar acuzativamente a reacção por suas intenções patentes de aruação, e alteração da paz publica. Alcança-se, vê-se ao que procuram: crear o estado de guerra pa-

ra, á sombra da fumaça dos tiros, ascenderem ao ambicionado poder com o exercicio do terror branco.

Tal o intento, que a ninguem com a cabeça no sitio não valha a pena seguir á vista.

Nas egrejas, nos conventos, clerigos adestrando-se na arte de assassinar! . . . Eis o em que resulta a «Egreja Militante», em que vos peze a vós todos, os candidamente iludidos pela pretensa sublimidade divina da confissão catolico-romana.

Preparando-se para o crime, estimulando a luta sangrenta, aquela cujos inicios na historia foram o falausterio de Jesus Cristo, e o comunismo piedoso dos trez primeiros seculos da Fé. . . admirados exclamareis! Ah! que a tradição não é isso que supodes no catolicismo como alicerce, isso, quando muito, é a flôr exotica e fragrante, sepulta entre frias naves de catedral med evica. A tradição é o genio semita, a rancoriedade e intollerancia que são o fundo das trez relições mediterraneas: moysaismo, catolicismo, mahometismo.

Cristo, pregador sublime de parabolas, revoltado de boas obras e de sacrificios divinos, é bem menos o fundadôr da futura Egreja do que Paulo — doutor, exejeta, doutrinario veemente e rispido. Francisco d'Assis, oriundo da florescencia cristã, não é Roma que representa, a cidade eterna preferindo aos seus amadios os ares sangrentos da carnça na imolação dos hereticos, e o tilintar do oiro com que se merca logar no ceo, — vendido ás senhas como os fauteils do teatro. . .

Sim! A tradição da Egreja, em que sois creados, não é esse precioso mundo de encantadoras lendas entretecidas ad usum sensibilidade; não é a poetica e a simbolica das boas almas que teem a Fé candorosa e meiga como a pureza do seu intimo, de uma claridade de cristalna agua impoluta! A tradição é Paulo, primeiro hierarca; Inocencio III, a ambição do orgulho; é Domingos de Gusmão, é Loyola, é Pio IX.

Jezus Cristo, Assis, Bartolomeu dos Martires, Lamennais, são o enxerto suave e excelso que os troncos ruins esteril zaram, sem os extrpar, ainda assim, da religiozidade e esperança humana. Estas coisas, assim d.tas, poderão magoar muita boa fé credula e simples; vão mesmo d'embate ao que, jeralmente, os chamados «homens ilustrados» teem por aciomatico e concluzo. Por nada no mundo, porem, calariamos nós o que vemos para mais alem da casquinha: que a Egreja é hoje, como foi sempre depois de Trento, a associação conservantista por ex-

celencia, — a imutabilidade é lei sua —; a associação mais tolerante, — crê ou morres é um argumento de fé papal. Com estes taes catolicos d'agora, continuadores biliozos do cura Santa Cruz e do frade da Besta Esfolada, não venha, intrometendo-se no pleito, a injenuidade declalar os menos dignos da relição. abuzivamente pades, isto é paes. Preparando se para a chacina estes continuam a tradição, honorificam a Egreja, servem militantemente o papismo. Esta é a verdade, embora nos peze e custe.

Este é o catolicismo. . . e que S. Jorje, S. Tiago e S. Domingos de Gusmão, com o ferro e com o fogo, aos taes rebentos pimpões, devotadamente, os ajudem; — Ad Majorem Dei Gloriam.

Antonio Valente.

## ECOS DA SEMANA

### Pedindo chuva...

Ha que dias, longos e torturantes, por hi se arrastam os crentes ora a deshoras pelas ruas sós, ora pela manhã, muito cedo, no eco grave da egreja! Isso não faz mal a ninguem, e não vimos por censural-o, pena é que não seja util. . . Para a estiajem, bem melhor fóra que por a associação agricola, e por um aproveitamento e apropriamento inteljentes da agua-vida, o lavradôr em condições se puzesse de arrostar com o saharizado periodo canicular. Não seria isso tarefa de maior monta, facil como era a grupos de lavradores a exploração dos jazigos, entre nós nunca a profundidades custozas. Não o fazem, fiando dos azazos meteorolojicos a salvação das colheitas, e, quando a chuva demóra, vá de pedir ao divino, que lhes acuda com a rega. E entalam assim o bom Deus, como se o Todo Poderoso tivesse que vêr nas chuvas. . .

### Os que trabalham

De Lisboa para «O Janeiro»: O sargento Anastacio, do corpo de marinheiros, apresentou na maioria jeneral da armada o modelo de um balão dirijivel de sua invenção, feito de aluminio, acompanhado do projecto, plano e memoria descriptiva. Isto podéra servir de espelho aos majisters que, por este paiz em fóra, falam com gravidade de tomo na inferioridade orijinaria da raça, mas não é ali que apontamos. E' que nos cauza uma confusão dos demonios o facto de não sêr o pertinaz marinheiro bacharel, ou conselheiro, ou almirante das náus,

Nada. Nem sequer ao menos catedrático. Um sarjento... Seco e limpo! Que diz a isto Minerva?

### O vinho

Não o esgotaram nas Camaras os dignos deputados que com o projecto dos vinhos taes misturas, e taes remendos lhe deram, que aquilo ao fim já metia mêdo. Poucos o discutiram com imparcialidade e intelligencia, a grande maioria preocupada invejosamente da sua adega e das dos amigos e afilhados. Não se rezolveu a questão, atirou-se para traz das costas n'um jesto de desleixo que imagina não mais lhe sentir o pezo por uns minutos de folga — que nem isso, ao menos, virá. Superiormente, sob o ponto de vista justo, alguns ainda o trataram, e entre esses, distintamente o deputado republicano Brito Camacho. Mas, afinal, o retalho dos vinhos lá foi passando, levando agarrado ás abas o elixir peregrino da restrição do plantio. A poderosa e salvadora medida... que nós consideramos uma violencia por jorativamente improfiqua e que, vêr-se ha, em anos escassos fará encarcerar demaziado a colheita, e em anos fartos lá deixa o pão e agua, na mesma, o vitiicultôr. Pois foi com muito tempo perdido — que se ganhou tal linda.

### Na mesma

«O Jornal d'Ovar» apetece-lhe clamar que a nossa noticia «a meia laranja» não foi aquella alegre bontade que nós dissemos ter sido — o que, de novo, nós afirmamos.

Foi-o como proposito e sem desvio de escrita, diz-lho, aqui, quem o fez; e nem outra couza se depreende da leitura atenta e perceptiva do suêto. Se o independente não soube lêr não é nossa a culpa, e se com os seus anos, alem do resto, mordeu o anzol e comeu a isca isso nada nos admira.

Os anos, a experiencia — ás vezes que grande leria... et pour cauze...

### A saque

Lembramos, mais uma vez, aos leitores: com os funeraes de D. Carlos e Principe Real gastaram-se, á nossa custa, 22:190\$000 réis. Baratinho — não?!

### «O Tripeiro»

Recebemos esta revista de composição material perfeita e de seleta e interessante colaboração. Largos anos de vida prospera, cordealmente, lhe desejamos.

### A Verdade

Nunca se é impertinente quando se trata de restabelecer a verdade, e por isso cremos não enfiar os nossos leitores com a seguinte decaração:

«Nós, abaixo assignados, declaramos que, estando no palco do Theatro Ovarense, junto do sr. dr. Chaves, quando elle discursou por occasião da sessão solemne da Festa Escolar do dia 2 do corrente, nada lhe ouvimos, que podesse significar o epitheto de sovina e miseravel para o povo d'esta terra, antes ouvimos exaltar o espirito caritativo da nossa gente, que poz em contrapoisção com o de alguns, que só se negam a exercer a philantropia, mas até estorvam, podendo, o seu exercicio.

Ovar, 17 de agosto de 1908.

Abade, Alberto d'Oliveira e Cunha  
João Maria Lopes  
Antonio dos Santos Sobreira  
Antonio Augusto Freire de Liz  
Antonio d'Oliveira Descalço Coentro  
Celestino Soares d'Almeida  
Padre Francisco Marques da Silva  
Francisco Joaquim Nogueira Junior

Lastimamos a reincidencia do «Jornal d'Ovar», porque não tinhamos acreditado no proposito.

### A boa doutrina

Em resposta ao artigo, a que a «Discussão» dá honras de editorial no numero de 16, encontramos no «Mundo» as seguintes palavras justas, que não podemos deixar de transcrever tanto se coadunam com o nosso modo de pensar:

Comprehende-se que um espirito avance e progrida. Não se comprehende que recue. Para um monarchico poder ser republicano ha rasões de sobra nos erros e nos crimes que cometem os seus correligionarios e cujos resultados se evidenciam patentemente aos olhos do paiz. Não pôde um republicano alegar pretextos equivalentes a essas rasões.

Acresce que o republicano que se torna monarchico se arrima ao poder, á força, a quem dá, a quem manda... seu acto é logicamente, interesseiro, egoista.

Pelo contrario, aquelle que deixa a monarchia e abraça a Republica comete um acto desinteressado e até arriscado.

Quando esse homem marcha assim para um partido que não lhe oferece beneficios, mas só lhe pôde dar prejuizos — esse homem não é um transfuga.

Quando um homem pelo contrario, deixa um partido de principios para abraçar um partido que, dispondo do poder, pôde dispensar beneficios moraes e materiaes, — esse homem é um verdadeiro transfuga.

### Dr. Bernardino Machado

A proposito de adeantamentos anda-se a especular com o impeccavel nome supra, sabendo-se que no assumpto nada se lhe pôde attribuir e como se isso podesse servir de attenuante. Como estejamos assoberbados com original, deixamos para o proximo numero o desmentido documentado.

### ARA

#### A MINHA AMBIÇÃO

Era um pouco de terra que eu cavasse, onde o sol desse e a agua fosse dar, com rozas como tem a sua face, em derredôr d'um pequenino lar.

Junto ao berço vazio que cantasse um rouxinol, para ela descançar... e só a agua limpida chorasse d'uma forma a podê-la eu consolar.

Irem ali os poucos que inda amo, ouvir bater-me o coração, tranquilo, uma estrela detraz de cada ramo...

Eis a minha ambição, o sonho extranho d'uma pobre existencia ingloria, aquilo que todos tem e que só eu não tenho!

Guedes Teixeira.

### Interesses municipaes

Vamos cumprir a nossa promessa, completando o que temos a dizer no assumpto cemiterial e alvitando os meios, que poriamos em pratica para augmentar as receitas.

Foram seis as razões, que apresentamos para fundamentar a mudança do cemiterio e qualquer d'ellas de per si sufficientes para a justificar. Tinhaos nós dito que a mudança era necessaria:

1.º Porque o cemiterio está muito central, estorvando a natural expansão da villa;

2.º Porque parte do seu terreno seria preciso para a via publica;

3.º Porque dentro de breves annos o seu terreno estará saturado e não consumirá os cadaveres;

4.º Porque não tem as dimensões legaes para o movimento da freguezia;

5.º Porque, dado o grande incremento populacional, em curto espaço de tempo será insufficiente para os enterramentos ordinarios e a fortiori em tempo de epidemia;

6.º Porque não pôde ser ampliado para nenhum dos lados.

De todas estas razões aproveitaram-se arbitrariamente as 3.ª e 4.ª porque se julgaram mais vulneraveis, e nós, que não pretendemos vencer, mas levar o convencimento ao espirito do nosso adversario, seguimos na sua pegada, servindo-nos unicamente do que elle julga convir-lhe.

A saturação do terreno do cemiterio é um facto incontroverso, varando no tempo com a sua constituição. Não são precisos conhecimentos profundos — e ai de nós, se tal fosse necessar o! — para saber que o nosso cemiterio é composto totalmente por areia quaternaria, que não é boa para a conservação dos cadaveres, pois lhe falta cal e ferro.

Muito secca mam fica-os; muito humida macera-os sem os destruir.

Ora são exactamente estas as duas principaes qualidades physicas da areia, isto é seccar muito no verão e depois de prolongada estagem, e encharcar-se no inverno e depois de grandes chuvas. Era justo, pois, que o prazo minimo de cinco annos para a rotação dos enterramentos fosse ampliado por dez a respeito d'esta freguezia, o que traria a necessidade de dupla área.

Deve de estar na memoria de todos, que, antes de se fazer a ampliação, alás insignificante, era frequente encontrar se partes não consumidas ao abrir os covaes. Finalmente, attendendo a que a ampliação, que se fez, tem sido inutilizada pela acquisição de grande numero de sepulturas particulares (350) não será grande temeridade afirmar, que a saturação voltará em breves annos, mesmo sem contar com o augmento dos obitos proporcionalmente ao crescimento populacional.

Que o cemiterio não está nas condições legaes vê-o qualquer profano mediocrementemente lido no assumpto.

Para satisfazer á lei o cemiterio deveria estar distanciado das ultimas casas da villa pelo menos 143 metros (Instrucções do extincto conselho de saude publica de 1 de agosto de 1863 e Dec. sobre consulta do S. T. A. de 11 de junho de 1878), exigindo os modernos hygienistas 200; ter uma parte separada por um pequeno muro e com entrada independente, destinada aos acatholicos (port. de 17 de dezembro de 1886, 17 de novembro de 1868, 24 de janeiro de 1872 e 29 de maio de 1877); possuir capella e casa mortuaria, estar distante da via publica, etc. Nada d'isto tem o cemiterio d'Ovar. A não ser a casa mortuaria e a situação, nenhum dos outros requisitos tem valor para o nosso espirito, pois os julgamos dispensaveis apesar da exigencia da lei, não devendo succeder outro tanto ao nosso antagonista, que é escravo dos codigos. Obriga-nos a lealdade, porém, a declarar que, quando formulamos a 4.ª razão só pensamos na insufficiencia da área aproveitada para os enterramentos communs, e, assim, é tambem sob esse restricto ponto de vista, que vae incidir a nossa argumentação.

Para satisfazer aos preceitos legaes e hygienicos cada sepultura,

comprehendendo os intervallos, tem de ter uma área de 2m<sup>2</sup>, não podendo abrir-se senão passados 5 annos.

Sendo a media das defuncções annuaes em Ovar 350, o minimo da superficie cemiterial vem 2m<sup>2</sup> × 5 × 350 = 3500m<sup>2</sup> ou 35m × 100. Calculado por defeito o augmento populacional em 200 para uma população de 15:000 almas, vem por uma pequena operação a mortalidade annual correspondente a 5, o que para cada anno exige a superficie de 10m<sup>2</sup> ou seja para a rotação 50m<sup>2</sup>. Para a eventualidade de qualquer epidemia deve haver uma reserva de pelo menos 100m<sup>2</sup>. Para ruas, jazigos, arvores e sepulturas particulares não é nenhum exaggero dar 1000m<sup>2</sup>. Sommando vem a ser preciso para cemiterio legal d'esta freguezia a área total de 4550m<sup>2</sup> ou seja arredondando uma superficie de 100 metros de comprimento por 50 de largo. Onde tem o nosso cemiterio esta superficie? Mas nós sabemos que ha em Ovar 1:60 sepulturas para os enterramentos ordinarios, o que mal chega ou antes nem sequer basta para o movimento obituario actual, não contando com os importantissimos — factor — augmento populacional e epidemia eventual.

Mas para nós a razão de eleição para a mudança do cemiterio é o seu encravamento, que estorva a natural expansão da villa, pela formação de um bairro lindo e muito bem situado sob o ponto de vista hygienico.

\*

Reconhecida a vantagem do encerramento do actual cemiterio, vamos vêr se conseguimos arranjar receita, começando pelos enterramentos. Porque não cobra a camara uma taxa justa? (Art. 68, n.º 8 do C. A. — Art. 4.º 5.º e 6.º do Dec. de 8 de outubro de 1835. Port. de 18 de abril de 1873)

Prosigamos com a nossa insignificante sciencia administrativa a vêr se livramos a camara da dolorosa collisão de desejar ardentemente fomentar melhoramentos e não ter recursos para o fazer.

Grosso modo, que mais não sabemos por ser completamente extranhos ás praticas administrativas, vamos indicar algumas fontes de receita, que andam, por desleixo ou propositadamente, não sabemos, arredados da canalisação municipal. Lembramos nos de momento os apanhadiços do Furo-douro, caes da ria, e da villa, e n'esta ultima sob regulamentação, que obrigue a limpeza a horas convenientes; a arrematação das aguas sobejas da Ponte Nova, Outeiro e Praça; a cobrança rigorosa das multas por transgressão de posturas com a vantagem de introduzir a disciplina nos costumes; a cobrança de todas as licenças para construcção de obras e deposito de materiaes; taxas para licença de caçar; taxas sobre caes, etc.

Como este artigo vae grande, deixaremos para o numero seguinte a continuação, começando pelo imposto da prestação de trabalho. Digamos desde já que nas condições, em que tem sido exigido, representa uma grande iniquidade, aconselhando nós d'aqui, que se neguem á intimação, pois ninguém é obrigado a obedecer a ordens illegitimas. Em Ovar não está organiado legalmente o imposto do trabalho e portanto é como se não existisse.

Fabio Cunctator.

## Commemorando a Guerra da Independencia

### HISTORIA PATRIA

Fraco, pequeno, e pobre na origem, Portugal teve de lutar desde o berço com a sua fraqueza original. Apertado entre o vulto gigante da nação de que se desmembrara e as solidões do mar, o instinto da vida politica o ensinou a constituir-se fortemente. Quando se lançam os olhos para uma carta da Europa e se vê esta estreita faixa de terra lançada ao occidente da Peninsula e se considera que ali habita uma nação independente ha sete seculos, necessariamente occorre a curiosidade de indagar o segredo d'essa existencia improvavel. A anatomia e physiologia d'este corpo, que aparentemente debil resistiu assim á morte e á dissolução, deve ter sido admiravel.

Que é feito das republicas da Italia tão brilhantes e poderosas durante a idade-media? Onde existem Genova, Pisa, Veneza? Na historia unicamente na historia. E' lá onde sómente vivem o imperio germanico e do Oriente, a Escocia, a Noruega, a Hungria, a Polonia, e na nossa propria Hespanha a Navarra e o Aragão. Fundidas n'outros Estados mais poderosos ou retalhadas pelas conveniencias politicas, estas nacionalidades exteriormente fortes e energicas dissolveram-se e annullaram se, e Portugal nascido apenas quando essas sociedades já eram robustas, vive ainda, posto que em velhice abhorrida e decrepita. Ha n'isto sem duvida, se não um mysterio, ao menos um phenomeno apparentemente inexplicavel.

Estará a razão da nossa individualidade tenaz na configuração physica do solo? Somos nós como os suissos um povo montanhez?

Separam-nos serras intransitaveis do resto da Peninsula? Nada d'isso. As nossas fronteiras indicam-nas commummente no meio de planicies alguns marcos de pedra, ou designam-nas alguns rios só no inverno invadiáveis. Quem impediu a Hespanha, esse enorme colosso, de devorar-nos?

Poder-se-ha dizer que desde o seculo XVII é a rivalidade das grandes nações da Europa que nos tem salvado. Talvez. Mas antes d'isso era por certo uma força interior que nos alimentava, e que ainda actuou em nós no meio da decadencia a que chegamos no seculo XVI, decadencia que virtualmente nos veio a subjeitar ao dominio castelhanos.

Mas durante esse mesmo dominio o instinto da vida politica, o aferro á individualidade existia se não nas classes elevadas ao menos entre a plebe é a ultima que perde as tradições antigas, e o amor da sua aldeia e do seu campanario.

A luta do vulgacho — exclusivamente vulgacho — a favor de D. Antonio, prior do Crato contra a corrupção de tudo quanto havia nobre e rico em Portugal, e contra o poder de Philippe II, e um reflexo pallido e impotente da epocha de D. João I; mas é um facto de grande significação historica.

Completam-n'o as diligencias feitas nas côrtes de Thomar para que a linguagem official do paiz se não tocasse pela dos conquistadores. Esse facto comparado com ess'outro obriga a meditar.

Philippe II foi um grande homem—astuto, activo, dotado de um caracter ferreo; foi o representante mais notavel da unidade politica absoluta, e não pôde ou não soube delir e incorporar este pequeno povo na vasta sociedade hespanhola, sobre a qual seu pae e elle haviam passado uma terrivel razoir que lhe destruiu todas as asperezas e desigualdades.

E todavia Philippe II tinha geralmente por aliados entre os vencidos os homens mais eminentes por illustração, por linhagem por faculdades pecuniarias. E' que as multidões obscuras eram ainda portuguezas no amago, pois to que corrompidas no exterior pela corrupção das classes privilegiadas. Todas as outras explicações são insufficientes ou falsas.

Alexandre Herculano.

## CHRONICA AGRICOLA

XIII

### Vinicultura — vindima

Estamos d'aqui a pouco chegados ás vindimas e como por muito que eu queira resumir, sempre o assumpto — vinicultura — me hade tomar algumas chronicas, creio ser tempo de o abordar.

Quando chegar o dia da vindima deve estar preparado todo o material necessario.

Lagar e balseiros escrupulosamente lavados, bem como cestos, dornas, etc., as pipas e toneis com os arcos apertados e mesmo aos que se encontram bem conservados convem suar com agua a ferver a que se addicione sal commum depois de que se lavam bem com agua limpa e fria. E' preciso que quando recebam o vinho estejam bem frias e enxutas.

A vindima só deve fazer-se quando as uvas estão completamente maduras.

Mesmo que o vinho a obter seja verde, devem as uvas estar completamente maduras porque aquella qualidade de vinho é devida á sua pouca gradação alcoolica, á natureza do terreno, etc. e nunca ao imperfeito estado de maturação que o prejudica muito. Basta saber que a acidez do vinho verde é devida ao acido tartrico que existe na uva madura emquanto que na verde existem os acidos pectico e mallico que alem de desagradaveis são improprios para consumo.

E' preciso, porém, saber-se quando ella está completamente madura porque se antes d'isso a sua colheita prejudica a qualidade do vinho, passado isso prejudica a quantidade, porque começa a evaporar-se agua, o que concentra o mosto, mas diminua a quantidade.

A maturação industrial (porque a physiologica importando apenas para a reprodução, não nos preocupa) conhece-se pelos seguintes signaes: O engace lumbifica-se, a pellicula da uva adelgaça-se, perde o tom brilhante e fica um pouco baça, coberta por uma especie de pó fino que depois diremos o que seja; n'esta altura, arrancando o bago fica adherente ao peçolo uma parte da polpa e em geral ás grainhas, fazendo lembrar um pincel.

Para conhecer, porém com exatidão o momento opportuno para a vindima, só por

## FOLHETIM

FIALHO D'ALMEIDA

### Trajedia na Arvore

Na minha horta, como a primavera começa, vocês não imaginam como é fresca, exuberante e viva a passarada.

Todo o pomar floresce ao sol, esbracejando por cima das relvas picadas de campainhas e trevos.

Vão um pouco atravez dessas ruas e de parreiras, alfazemas, dalias, e rosaes, té lá abaixo ao tanque. Heim? Corolas gotijando perolas de orvalho, perolas que entornam subts perfumes. A' medida que as arvores se vestem, e a tepidez do ar, e a lu-

meio de ensaios glucometricos. O glucometro—de que o mais vulgarizado é o de Guyot —é um deusimetro ou antes um pequeno aparelho de vidro que nos indica qual a quantidade d'assucar que existe no vinho espremido—mosto. Tem uma haste com 3 escalas, uma das quaes indica o assucar que contém um hectolitro de vinho. Colhem-se alguns cachos, espremem-se á mão, côm-se por um panno para uma vasilha alta onde se mergulha o glucometro. Vê-se o assucar indicado por o traço que está ao nivel do mosto, de que se toma nota. Repete-se passados dias a operação; logo que coincida o mesmo numero pode-se vindimar.

E' de notar que algumas vezes pôde começar a augmentar o numero de kilos do assucar por hectolitro por se dar a evaporação que concentra o mosto visto que fica mais assucar em menos agua; é preciso, pois, estar precavido contra isso.

A vindima deve fazer-se cortando os cachos com as tesoiras proprias que sobre serem baratissimas (cada uma 120 ou 140 réis) dão uma economia de trabalho de quasi 50 0/0 e como não abala a videira, não lhe causa prejuizo nem cabem tantos bagos ao chão.

E' indispensavel escolher com o maximo cuidado os bagos verdes e pódres... A falta de cuidado n'este serviço além de poder causar um mau gosto ao vinho que lhe faz diminuir o valor, pode ser a causa d'um prejuizo grande por ser a origem d'algumas doencas que mais tarde atacam o vinho depois de fabricado, o que mais detidamente exporei quando tratar d'esse assumpto.

Convem recomendar aos nossos vindimadores que cortem o pé do cacho o mais curto possivel e que tenham cuidado em não os deixar cair ao chão; quando isto acontece adheire uma grande quantidade de terra que prejudica a qualidade do vinho.

E' preciso não esquecer que em todas as operações do fabrico de vinho é preciso haver o maior esmero e limpeza. Corre na tradição que o vinho tudo limpa e na proxima chronica veremos até que ponto isso é verdadeiro posso já afirmar, todavia, que assim enunciado, o principio é falso.

Se as uvas teem sido enxofradas ha pouco tempo e não choveu até á vindima, é necessario laval-as mergulhando os cestos que as contém n'um tanque e pondo-os a escorrer. O dia da vindima deve ser secco. Chovendo, o cacho retém uma quantidade de agua que não é tão insignificante como parece e se a quantidade augmenta diminua a qualidade porque diminue o assucar. E quanto mais assucar tiver um mosto, mais alcool terá o vinho que d'elle se faz porque o assucar se transforma em alcool por um phenomeno que na devida altura explicarei.

\*\*\*

## ARTES & LETRAS

### PECCADO DE AMOR

—«Amei-o muito, muito!»—assim, a penitente formosa e pudibunda, aos pés do confessor, baixando o lindo olhar e as faces em rubór, dizia com firmeza, embora humildemente.

—«Amaste-o muito então?»—volveu-lhe irreverente o confessor audaz — «Se amei! Senhor, senhor, Elle era o meu encanto, Elle era o meu amor, e eu hei-de amal-o sempre!»—«O' alma inpenitente,

irado torna o padre, eu sei o que isso é e sentiria horror se não tivesse pena de vêr-te assim peccar. Mas tenho ainda fé

cidez do ceu, e a magnificencia do sol, são duradouras em demazia para garantir prosperidade aos pequenos séres, começa por todos os escaninhos dos troncos, penedos, musgos, ramarias e folhas, uma invazão de artifices, lestos, chilreantes, alados, contentes, vestidos de côres singulares, republicanos mais ou menos, que vem fundar á maneira dos outros anos, a sua grande e pitoresca cidade dos n'nhos.

Teem quase todos os seus habitos proprios, inconfundiveis, pacatos, habitos de interior, que os visinhos são forçados a respeitar.

E deixem-me aqui dizer-lhes que os passaros são mais egoistas que os passarentam. São! O melro por exemplo. O pardal. A obeza calhanda dos trigos. O patife do pintasilgo. O devasso do

de que has-de arrepende-te! Então, em voz serena, pergunta a penitente:—«A Egreja tambem cre que o bon Jesus peccou amando a Magdalena?...»

Agosto—1908

Boanerges.

## NOTICIARIO

### EXPEDIENTE

**A administração de «A Patria», indo proceder á cobrança das respectivas assignaturas até ao fim do corrente anno, pede aos seus estimaveis assignantes, especialmente aos de fóra do concelho, a fineza de as satisfazerem, logo que lhes seja apresentado o recibo, ad m de evitar a despeza com a nova remessa dos recibos**

#### Dia a Dia

Faz annos no dia 22 o menino De'mar, filho da snr.<sup>a</sup> D. Celeste de Magalhães Carrelhas.

—Encontra-se no Furadouro com sua familia, a uso de banhos, o nos o dedado correligionario snr. Antonio d'Oliveira Mello.

—Cumprimentamos n'esta villa, onde veio de visita com sua irmã, o sr. Dionizio Gomes dos Santos, considerado guarda livros n'uma importante casa commercial de Lisboa.

—Partiu ha dias para a Lomba (Amarante) o nosso amigo e patricio P.<sup>o</sup> João Gomes Pinto, bemquisto parochio d'aquella freguezia.

—De regresso de Luzo, encontram-se n'esta villa a sr.<sup>a</sup> D. Maria Benedicta d'Oliveira Vaz e Silva e seu filho João Nunes da Silva.

—Está entre nós o nosso amigo Zeferino Ferraz d'Abreu, distincto official do exercito.

—Encontra-se n'esta villa, onde vem com sua familia passar a estação calmosa na sua quinta de S. Thomé, o snr. Manoel Gomes Netto.

—Cumprimentamos aqui antehontem o nosso amigo Luiz de Meilo Freitas Pinto.

#### Comissão de Beneficencia Escolar

Resolveu esta comissão em sua sessão de sabbado passado, abrir concurso para a escolha de 20 supplentes destinados a preencher as vagas que se deem durante o anno nos seus subsidia-dos.

tent lhão. Somitegos, desconfiados, comodistas... Que sucia!

Certa formiga já velha, que soubera escamujir se em mais de uma rusga, á voracidade d'aquelles libertinos, disse-me ahí pelo tempo das eiras—ninguem me venha cá falar em innocencias de passaros.

Judiciosa sentença da formiga! E tão máos que me lembro agora de um cazo...foi lá na horta, um ano a fazer pela Ascenção. Certa manhã, no laranjal, dei por um melro voando baixo, surrateiramente, com duas fibras de grama no bico. Deixava as fibras fosse onde fosse, voltava a buscar mais, sem ruido de azas ou assobios de triunfo, tão curioso na vida, que me deixei ir atraz dele, para vêr de perto o que fazia. De frente da casa ha uma rua de tilias e castanheiros, levando á ri-

O concurso termina no dia 20 de setembro proximo. Os pretendentes deverão fazer o seu requerimento, um para cada alumno, juntando attestado medico de que não soffrem de molestia contagiosa e de que são vaccinados, e attestado do parochio provando a extrema pobreza dos responsáveis por a educação do pretendente, e a idade d'este.

Se frequentarem já qualquer escola, deverão fazer acompanhar o requerimento d'um attestado do professor respectivo sobre o seu aproveitamento e comportamento. Só pôlem ser admittidos os que tenham mais de 6 e meno de 12 annos de idade. A comissão resolveu considerar como motivo de preferencia em egualdade de circunstancias o ser o alumno de seus paes naturaes d'esta freguezia.

Os interessados pôdem consultar os editaes affixados nas escolas, ou pedir informações aos vogaes da comissão aos quaes pôdem tambem ser entregues os requerimentos desde que o façam até ao dia 20 de setembro.

Tambem resolveu transferir os alumnos seus subsidiados que frequentavam a escola do sexo masculino do legado Ferrer para outra escola e não subsidiar alumno algum d'aquella emquanto a reger o actual professor.

Apezar do numero de subsidia-dos ser inferior ao do anno passado, pois são apenas 50, a despeza é maior por terem passado a classes immediatas o que importa maior despeza por cada alumno.

#### De astre

Ha dias no Furadouro, na occasião em que o nosso conterraneo sr. João de Pinho Barbosa subia para um trem, caiu fracturando uma perna.

O sr. Barbosa seguiu para Espinho onde reside, e tinha vindo o Ovar assistir ao exame d'instrucção primaria de um seu filho. Lamentando o desastre, desejamos as suas melhoras.

#### Exames

Concluiu ha dias o curso da Escola do Exercito o nosso amigo e patricio Manoel Rodrigues Leite, pelo que o felicitamos.

O resultado final dos exames d'instrucção primaria do 2.<sup>o</sup> grau, realizados na escola Conde de Ferreira desde 12 a 18 do corrente, foi o seguinte:

Dia 12 —Approvedos: Adriano de Pinho Branco Miguel, Alexan-

dre da Silva Godinho, Amadeu da Silva Quitas e Amandio Augusto da Sá.

Dia 13 —Approvedos: Americo Moreira da Costa, Antonio Francisco da Silva Junior, Antonio Moreira da Costa e Antonio Pinheiro d'Aragão.

Dia 14 —Distinctos: Arthur Ferreira Pedro e Camillo José Maria de Souza Montenegro dos Santos; Approvedos: Arthur de Pinho Barbosa e Carlos Ferreira da Silva.

Dia 17 —Approvedos: Custodio Fernandes da Silva, Eduardo Miranda d'Almeida Soares, Felisberto Gomes Ferreirinha e Ignacio Rodrigues Pereira.

Dia 18 —Approvedos: Joaquim Augusto Pereira, José Augusto Pereira, Joaquim Ferreira Netto e Manoel Gomes Ferreirinha.

#### Inspecções

Deram o seguinte resultado as inspecções sanitarias a que se estão procedendo n'esta villa aos mancebos pertencentes ás freguezias até ante-hontem chamados:

Arada—apurados 10; isentos 8. Aptos nos termos do art.<sup>o</sup> 79 do reg. por faltarem á inspecção 2. Maceda—apurados, 7; isentos 14; temporizados, 1.

Aptos nos termos do citado art.<sup>o</sup> 79 do reg. 1.

Cortegaça—Apurados 18; isentos 10.

Aptos nos termos do art.<sup>o</sup> 79 do reg. 4.

## CORREIO

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas: até 20 grammas ou fracção 25 réis. Jornaes: cada 50 grammas ou frac. 2 1/2 réis. Registo: além do respectivo porte 50 réis. Vales: por cada 5000 réis ou frac. 25 réis. Encomendas postaes: Continente e Ilhas, 200 réis até 3 kilos, 250 réis até 4 kilos e 300 réis até 5 kilos. Amostras: Cada 50 grammas ou fracção, 5 réis. Limite de peso 250 grammas. Telegrammas: no paiz, taxa fixa 50 réis, por palavra 10 réis.

## ANTIGA OURIVESARIA

DE  
PLACIDO O. RAMOS

José Placido Ramos participa ao publico em geral, que acaba de chegar ao seu estabelecimento, um novo sortido de estoijos em prata, proprios para brindes taes como: cigarreiras, foforeiras, copos para leite, talheres para creança, escovas de unhas e de dentes, dedaes, paliteiros, cinzeiros, argolas para guardanapos, etc., etc.

ramos mil folhitas de oiro verde esvoaçavam ás transparencias do sol.

Tenho olhos de linco, olhos de caçador que se preza: de maneira que não foi preciso olhar muito, para distinguir sobre a faia, a mais altura, num garfo de ramitos balouçados ao vento, o mais lheiro ninho de pintasilgo, todo em musgos, lianas de fibra imponderavel, penujens arrancadas pela mãe ao proprio ventre, nas furiar de um louco amor instintivo. No cimo da faia, no cimo como quem dissesse lá riba, nas aguas furtadas do predio, morava um rouxinol.

(Continúa.)

# ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE  
ALVES CERQUEIRA

PRACA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços commodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapéus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

# GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE  
JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA  
RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR.

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

# MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima  
PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares  
COM

ARMAZEM D'ARROZ

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — OVAR

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e siam cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARATÓS

MANUEL DA SILVA

BONIFACIO & C.<sup>a</sup>

COM

DEPOSITO

DE  
Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a 20 de Novembro.

# HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

	Comboyos	MANHÃ					TARDE						
		Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	1,55	2,45	3,33	5	5,15	6,26	8,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48	2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	7,26	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2	3,11	—	4,46	—	6,38	7,42	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	3,17	—	4,52	—	6,44	7,48	—
	Carvalh. <sup>ra</sup>	6,48	—	8,28	—	11,11	3,23	—	4,59	—	6,50	7,54	—
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22	3,33	3,59	5,9	—	7	8,5	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29	—	—	—	—	—	8,11	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35	—	—	—	—	—	8,18	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16	—	—	—	6,14	—	8,58	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

	Comboyos	MANHÃ					TARDE						
		Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.
	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	2,5	—	—	5,34	—	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39	—	—	—	6,9	—	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43	—	—	—	6,14	—	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54	—	4,15	5,35	6,23	7,25	—	11,4
	Carvalh. <sup>ra</sup>	5,2	—	7,31	10,21	12,4	—	4,26	5,46	—	7,36	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8	—	4,31	5,51	—	7,41	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13	—	4,37	5,57	6,38	7,47	—	11,18
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30	2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34	11,28
	S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,54	1,47	3,18	5,58	7,15	8,1	9,3	11,16	21,26

# CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

# TANOARIA

ARMAZENS DE VINHOS

OVAR — Rua das Figueiras

DE  
Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.

Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

# RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar — Rua da Praça

# Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recebidos das propriedades do Ill.<sup>mo</sup> Sr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

# Companhia de Seguros "Portugal,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600:000\$000

Emitido 320:000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.